

O ÚLTIMO LIVRO

Viver...!

Um livro destinado a acabar consigo mesmo.

L e o V a n c e

Prólogo

O livro que quer acabar

Este é um livro com uma única ambição: acabar.

Não acabar na última página. Acabar em ti.

Não quer melhorar a tua Vida. Não te entrega um sentido. Não troca uma crença por outra mais recente. Os livros fazem isso há cinco mil anos, e as cabeças só ficaram mais pesadas.

Este livro quer alisar as coisas.

Uma cabeça humana carrega uma carga enorme. Nomes. Regras. Morais. Deuses. Passados. Futuros. Ideais. Medos. Definições. Esperanças. Quase nada disso foi escolhido. Foi carregado antes de teres idade para ver o carregamento.

Depois passaste anos a chamar «eu» à carga.

A grande dificuldade humana não é aprender. É desaprender.

Este livro não é um manual de desaprendizagem. Um manual seria apenas mais uma coisa para carregar.

É uma árvore.

Uma árvore grande de pé no vento.

O vento sopra. A árvore não discute. Aguenta-se, e atrás dela as coisas assentam.

Quando chegar a última página, deve haver menos dentro de ti. Não mais.

Se o livro fizer o seu trabalho, não precisarás de te lembrar dele.

Podes até parar de ler.

Esse seria o fim certo.

O livro acaba. Tudo se torna Vida.

I

A cabra diz: erva

Pergunta a uma cabra o que é o mundo.

Erva.

Está aí a filosofia completa. A cabra come. Depois descansa. Nada nela espera uma explicação.

A cabra não pergunta se a erva tem sentido. Não decide se comer é sagrado. Não precisa de uma definição de felicidade antes de se deitar ao sol.

Ela vive.

Isto soa simples porque é simples. Os humanos tornaram a simplicidade suspeita.

Entre nós e o que está a acontecer, empacotámos linguagem. A linguagem é útil. Diz a outra pessoa onde está a água. Avisa do fogo. Deixa uma criança chamar pela mãe.

Depois a linguagem continua a crescer.

As palavras adquirem histórias. As histórias adquirem regras. As regras tornam-se instituições. As instituições tornam-se culturas. As culturas tornam-se identidades. As identidades tornam-se coisas por que se morre.

Um som torna-se um muro. O muro torna-se real ao ponto de se matar por ele.

A cabra nunca construiu o muro.

Não há nada de errado com a linguagem. O problema começa quando se confunde a palavra com a coisa.

Erva é erva. A palavra erva não alimenta ninguém.

A palavra Vida não é a Vida.

A palavra liberdade não é a liberdade.

A palavra silêncio — a essa chegaremos. É mais vazia do que as outras.

E a palavra puro?

Não tenho essa palavra.

Talvez seja uma das frases mais limpas que um humano pode dizer. Não porque a linguagem falhou. Porque às vezes não há nada para pôr ali — e uma cabeça honesta deixa o lugar vazio.

Aqui pode cair mais um muro: «real» e «irreal». O grão, ou a flor em que se torna — qual é mais real? A pergunta está partida. Chama real a uma coisa e acabaste de inventar o irreal. A natureza nunca fez essa divisão. Fê-la uma boca.

Antes das palavras

Uma criança chega antes da biblioteca.

Antes da religião. Antes da moral. Antes da nacionalidade. Antes da beleza. Antes do sucesso e do fracasso. Antes da história de quem tem de vir a ser.

Depois começam os livros.

Não livros de papel. As pessoas são livros. Os pais são livros. Professores, vizinhos, ecrãs, costumes, castigos, recompensas — tudo livros. A criança lê-os sem saber que a leitura começou.

Uma criança antes da linguagem está mais perto da verdade? Claro. Não por sabedoria secreta — por prateleiras vazias.

O medo da morte chega assim, cedo. Não como descoberta — como atmosfera. Vi-o antes dos dois anos. Um rosto muda. Uma voz baixa. Um corpo desaparece, e os adultos representam o seu medo. Mais tarde, o mesmo medo instala-se dentro da própria linguagem, em cada expressão que a cultura construiu à volta do morrer.

Não nasci com medo da morte. Foi-me entregue. Vi-o ser entregue a outros — sempre entregue, nunca nascido.

Deus chega da mesma maneira. Para mim, a ideia de Deus foi imensa dos treze aos vinte e cinco. Enchia todas as salas em que entrava.

Depois vieram livros de outro tipo. Depois o observar. Anos a ver a Vida fazer o que faz.

Por volta dos quarenta, tudo ficou claro.

A primeira coisa em que conscientemente deixei de acreditar foi o próprio chão: a sensação de que vivemos no fundo das coisas. Não vivemos. A terra está sob os nossos pés, e tudo o resto está acima. Aberto. Ninguém está empilhado em cima de nós.

O pensamento herdado funciona exatamente assim. Torna-se invisível. Um homem pode defender uma ideia durante quarenta anos sem reparar que ela lhe foi posta dentro antes de saber acabar uma frase curta.

Isto não é uma acusação contra os pais. Também eles foram carregados. E os pais deles. A cultura passa-se para a frente através de bocas humanas.

O que estraga as crianças não tem nada de exótico. É a cultura transmitida — aprendida, depois entregue. Fui estragado aos poucos anos, como toda a gente.

Um dia a criança crescida percorre o conteúdo da própria cabeça e diz: eu.

Quanto disso é eu?

O grande inventário

Tira as palavras grandes cá para fora e olha para elas uma a uma. À luz do dia. Não para as atacar. Para as pesar.

Deus. Já pesado, pela história. A humanidade adorou milhares de deuses, cada um com templos, oferendas e crenças completamente certos. A certeza era total; os deuses foram-se à mesma.

A vida depois e a vida antes. As duas coisas mais inúteis que os humanos concordam coletivamente em considerar importantes. Cerca de cem mil milhões de pessoas viveram e morreram. Relatos confirmados de volta: zero. E no entanto civilizações inteiras organizam as suas semanas à volta do depois e do antes, enquanto o meio — a única parte que está mesmo a acontecer — espera.

O amor. O amor é esperança. Para quê esperar, se nada falta?

A beleza. Inventada, claro. Repara em como as culturas a usam: uma representa-a como arte, outra fabrica-a numa linha de montagem. Se a beleza fosse um facto, não precisaria de fábrica.

A felicidade. Um objetivo inventado. Nada no campo alguma vez correu atrás dela, e nada no campo alguma vez deu pela sua falta.

A liberdade. Esta é a estranha. Pede a sensação de liberdade — não a ideia, a sensação — e nada responde. A Vida e o viver nunca carregaram essa palavra. Liberdade é o nome coletivo de uma luta, tal como a sede só existe onde a água é negada. As pessoas dizem que querem ser livres. Não conheci muitos que pudessem dar-se a isso. A retirada da liberdade começa antes de uma criança saber dizer uma frase inteira.

A solidão e o estar só. A solidão é esperança que não encontrou nada. O estar só é a luta contra essa sensação. Ambas vivem na cabeça. Nenhuma vive no campo.

O silêncio. O silêncio não existe. Todos os animais soam: ah ao espreguiçar, hum diante de boa comida, oh com as costas doridas. A floresta à noite é uma orquestra. O «silêncio» só existe dentro da nossa linguagem — uma palavra para algo que a Natureza nunca produziu.

O sagrado. Há alguma coisa sagrada que não seja inventada? Não. Nada. No momento em que essa resposta deixa de doer, sai peso dos ombros.

Este inventário não é destruição. Nada de real pode ser destruído por se olhar para ele. Só o inventado precisa de proteção contra a luz do dia.

A coisa que te enfiaram na boca

O sofrimento psicológico apresenta-se como necessário. Como profundidade. Como prova de alma.

Pergunta o que é que ele protege de facto.

Nada. Não protege nada.

É algo que te enfiaram na boca enquanto dormias com ela aberta. Acordaste a mastigar e, como o mastigar já lá estava antes da tua primeira memória, chamaste-lhe tu próprio.

O recheio tem sabores. Culpa. Vergonha. Preocupação com o depois. Preocupação com o antes. A repetição de períodos vividos que acabaram há anos e continuam a passar de noite.

Essa repetição é a última coisa de que ainda não me soltei por completo — o passado, a passar os seus episódios antigos. Digo-o para que saibas que a árvore que escreve isto continua de pé no vento. A diferença é: sei que é uma repetição. Saber que é uma repetição já é metade do cuspir.

Alguma vez conheci um ser verdadeiramente sem sofrimento psicológico? Sim. Um rebanho de ovelhas — todas elas. Comem. Depois descansam. É a biografia inteira, e é uma obra-prima.

A ovelha não é a prova de que um humano pode viver assim. A ovelha não consegue levantar a carga, por isso não a pode pousar. É outro animal.

O que a ovelha prova é menor, e chega: o mastigar não está na erva. Foi empacotado depois.

Entre humanos — nenhum, até agora. Incluo a cabeça que escreve isto.

O primeiro talvez seja quem acabar este livro.

O desfazer

Fazer é fácil. As cabeças são feitas para fazer. Dá a uma cabeça uma tarde sossegada e ela fará uma crença, uma preocupação, um deus, um rancor.

A doença nunca foi o fazer.

A doença é a incapacidade de desfazer.

Desfiz morais. Desfiz o céu. Desfiz o inferno. Completamente idos — não repintados, não rebatizados, não substituídos por versões mais leves. Idos.

Levou uns quinze anos.

Quinze anos, para coisas instaladas em quinze minutos cada. É essa a taxa de câmbio, e ninguém te avisa. A instalação é gratuita. A remoção custa anos.

Por isso este capítulo não promete milagre de fim de semana. O desfazer é lento como a digestão é lenta — silencioso, quase invisível, e terminado só quando não resta nada para sentir.

Como se sabe que uma coisa está mesmo desfeita? Deixa de aparecer nas tuas frases. Depois deixa de aparecer nas tuas pausas. Um dia reparas que a própria palavra ficou estranha, como o nome de um colega de uma escola que ardeu.

As palavras estão a deixar-me agora. O vocabulário escorrega — palavras em que nunca toquei verdadeiramente. Não corro atrás delas. A partida delas é o recibo.

E os pensadores que andaram por aqui antes? Um deles escreveu que a ideia de Deus tinha deixado de funcionar, e pagou a frase com a razão. Não lhe devo nada de pessoal. Nunca cozinhámos no mesmo fogão. O objetivo nunca foi seguir o homem. O objetivo era a direção — e a direção é: para menos.

A Natureza não precisa da nossa licença

O que guardaria da civilização? A Vida. A Natureza. O resto é negociável.

A Natureza corre com dois verbos: comer, descansar. Tudo o resto é comentário.

Já vi coisas morrer. Plantas. Animais. Pessoas. Ver isso é como almoçar. Essa frase só choca uma cabeça a quem ensinaram a morte como catástrofe. No campo, morrer é a contabilidade corrente da Vida — como andar, como mijar, como respirar. A erva não faz cerimónia pelo grão.

Tenho medo da morte? Claro que não. Porque haveria um homem de começar um livro chamado O Último Livro?

Como é estar vivo — no corpo, não na cabeça? Fome. Dor depois de estar sentado tempo de mais. O corpo a relatar, sem filosofia agarrada.

O momento mais honesto que já vivi é este. Agora. É o único momento que alguma vez foi honesto, porque é o único que alguma vez está aqui.

Onde pensa uma cabeça com mais clareza? Na Natureza. As cidades pensam em anúncios.

Uma vez atirei-me para o cotovelo de um rio de montanha meio gelado. O sentido dissolveu-se por completo — e foi magnífico. O frio não discute. Durante alguns segundos não havia vocabulário nenhum dentro de mim, só um corpo a arder de estar vivo. É esse o estado por baixo de todas as palavras. Nunca estive perdido. Estava só coberto de papel.

Quando o dia de viver está ganho e chega o estado cru — o estado antes da linguagem — eu ando. Andar não faz perguntas.

O dicionário

Se pudesse tirar uma coisa da civilização, não seria uma arma nem uma máquina.

Seriam as palavras a mais.

Que fique lei: nenhum dicionário com mais de duzentas páginas.

Duzentas páginas comportam água, fogo, pão, mãe, dor, sono, chuva, vem, vai, sim, não — tudo o que dois humanos precisam para se manterem vivos e quentes. Tudo o que passa da página duzentos é decoração, e a decoração é onde o sarilho se cria. Ninguém alguma vez fez uma guerra pela palavra pão. As guerras vivem nas páginas grossas do fim — em glória, pureza, destino, honra.

Um dicionário fino matá-las-ia à fome.

Isto não é ódio à linguagem. É uma dieta para ela. A linguagem começou como ferramenta e inchou até virar senhorio. Uma ferramenta pega-se e pousa-se. Um senhorio cobra-te renda pela tua própria cabeça.

Algures nestas páginas as palavras já começaram a afinar. Ótimo. O livro é um dicionário a queimar-se a si mesmo, página a página, até ficar curto o bastante para se viver por ele:

Comer. Descansar. Andar. Olhar. Viver.

Simplesmente viver

Qual é a coisa mais corajosa que um ser humano pode fazer?

Não escalar. Não a guerra. Não o palco.

Simplesmente viver.

Viver sem o depois e sem o antes. Sem os aplausos do céu, sem o chicote do inferno. Sem um sentido atado às costas como um paraquedas que nunca abriu uma única vez.

É a coisa mais corajosa porque tudo na cultura foi construído contra ela. A arquitetura inteira — escola, templo, mercado, ecrã — vive do teu adiamento. Todas as instituições precisam que vivas para depois. A única coisa que nenhuma delas pode vender é o agora, porque o agora nunca esteve em falta.

As ovelhas fazem-no sem aplauso. Comem; descansam. Os humanos ficam à volta do pasto com cadernos, a escrever teorias sobre o que as ovelhas têm.

As ovelhas não têm nada.

É isso que elas têm.

E não — este livro não te pede que te tornes gado. Fica com as tuas mãos, o teu pão, a tua gente, o teu trabalho. Larga só a carga. As mãos trabalham melhor sem ela.

O último livro

Para quem é este livro? Para o leitor instruído médio e acima. Não pode ajudar quem nunca entrou na biblioteca — podias espalhá-lo no pão deles como pasta ao pequeno-almoço e não entraria. É preciso ter carregado livros para sentir o prazer de os pousar.

É para mim? Não. Escrevê-lo não mudou nada em mim. A mudança veio primeiro; a escrita apenas relata. Não tenho medo de nada do que ele diz. Já não resta em mim nada que ele possa ameaçar.

O livro é a árvore grande. Fica de pé no vento para que, atrás dele, as coisas possam assentar. Acalmadas. Pousadas. Quietas.

Depois vem a sua verdadeira ambição, aquela que nenhum livro antes dele ousou manter: ser o último.

A última coisa que deve arder neste livro é o próprio livro. Quando a leitura acabar, deixa-o ir pelo caminho das morais, do céu e do inferno. Não o cites. Não o arrumes na tua cabeça. Não fundes nada sobre ele. Um livro que pede para ser lembrado falhou logo no seu primeiro capítulo.

Se, ao fechá-lo, sentires vontade de parar de ler — o que quer que seja, para sempre — não lutes contra essa vontade.

Essa vontade é o livro a funcionar.

Pousa-o a meio de uma frase, se for a meio da frase que a Vida te chamar. A cabra não acaba parágrafos.

Viver...!

Deus pode ir. As morais podem ir. A beleza, a liberdade, a felicidade, a pureza, o silêncio, o sentido — tudo isso pode ir.

O dicionário pode afinar.

O passado pode ficar onde aconteceu. O presente não precisa da licença dele. O futuro não precisa de ser resolvido antes de chegar.

Uma pessoa pode parar de procurar. Parar de vir a ser. Parar de ler.

E simplesmente viver.

Não como filosofia. Não como objetivo. Não como feito.

A Vida nunca precisou da palavra Vida.

Então — fecha o livro.

Olha. Anda. Come. Respira. Descansa.

Viver...!